

Suplemento - cei

1





CEI SUPLEMENTO N.º 1

AGOSTO — 1972

Publicação de **Tempo e Presença**
 Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
 Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
 Domicio Pereira de Mattos

REDATOR:
 Carlos A. C. da Cunha

CORPO REDATORIAL:
 Rubem A. Alves
 Ana Vitória de Toledo Barros
 Breno Schumann
 Hugo Paiva
 Jether Pereira Ramalho

DIAGRAMADOR:
 Hamilton Francischetti

IMPRESSÃO:
 Princeps Gráfica e Editora Ltda.
 Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
 do CEI

Assinatura anual: Cr\$ 15,00

Cheque pagável no Rio de
 Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
 Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
 20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
 Cr\$ 3,00

ÍNDICE

EDITORIAL 1

ESTUDOS

Religião: patologia
 ou busca de sanidade 2

Celebração cristã: uma
 festa comprometedora 10

Um credo para nossa
 época: existe isso? 19

O artista e o teólogo:
 uma introdução 29

INDICAÇÕES 39

PRIMEIRO eram notícias que vinham aos montes. Em língua alemã, inglesa, francesa, espanhola. O dia-a-dia de outros cristãos, noutras distâncias. O fermento multiforme do Cristo aqui e ali. Dele tomávamos conhecimento. Fazia-nos exultar pela consciência que nos dava de que não estávamos sós, os de língua portuguesa, na impressionante tentativa de refletir a Luz. Eram notícias, notícias.

Quisemos ver outros sabendo daquilo que íamos sabendo e explodiu o CEI. Era tal a falta, que o boletim desprezioso nasceu, fez-se ler, penetrou, tornou-se esperado cada mês. Não faltou quem o lesse e depois gritasse: "Que garotinho atrevido!" Quando gritaram já o tinham lido e ele foi jogado, não sabemos onde. Mas já o tinham lido. Depois virou importante e passou a freqüentar colunas de gente importante, em páginas idem.

O modesto CEI começou a divulgar documentos e estudos bíblicos de reflexão séria que até serviram de material para classes interessadas em algo sério. Mensalmente o CEI viajava com esta ou aquela camisa colorida, bem ao nível de como se vestem os que se vestem bem, cores vivas, avançadas, cores horizontais (as ditas) e verticais (as íntimas).

Mas vimos que já era tempo de fornecer a um público sempre maior mais elementos de reflexão. Nasce o SUPLEMENTO DO CEI, este que você está lendo. Vai às casas e mãos da mesma turma que se acostumou ao informativo ecumênico mensal.

Pretende dar-lhe a oportunidade do diálogo com gente dialogável que nós sempre encontramos. São amigos que, de tão bons, desejamos apresentá-los. A amizade ecumênica não poderia ser paradoxalmente particular, e achamos este meio de colocar ainda mais você nela. Antes apenas vivências, o dia-a-dia do fermento cristão, agora, o próprio e honesto fermento em sua expressão pessoal.

De vez em quando, junto com o CEI, artigos originais, bibliografia, comentários. Vamos falar de teatro, de cinema, de televisão. Se você ficar alegre e gostar, missão cumprida. Se você não gostar, missão idem. Se o aplauso acontecer, haverá felicidade; se a "ovação", traduza-a você mesmo em conversa e vamos conversar. O diálogo tem algo do elevador: subindo ou descendo, leva e é levado, sobe e desce, mas é sempre elevador.

Neste número o Rubem (Theology of Human Hope) disseca a renovação religiosa deixando "amarelos" os profetas da matéria-deus-tudo. O Paulo nos obriga a mandar às favas a Mical janeleira de Davi por uma dança muito respeitável.

O Breno (Estudos sobre o Pai-Nosso) mostra como repetir o Credo em língua de várias gentes, de várias situações e a reformulá-lo, tornando-o com pensível.

O Dr. R. Fogal (uma tradução oportuna), num artigo-conferência projeta a criação-arte e a incarnation-arte; arte criacional e arte incarnacional.

Há, um documento-libelo que incomoda a nós os cristãos-rezas-hinos-paredes-quadrados-por-fora. E, se quiser, comentários de livros, sugestões de artigos.

E nem mais um centavo, tudo vai incluído no preço do CEI que você já recebe e vai continuar recebendo, também se quiser.



estudos

Rubem A. Alves

Religião: patologia ou busca de sani- dade?

DE uma forma ou de outra as ciências do comportamento humano parecem estar de acordo em que a religião é um fenômeno patológico. Marx e Freud foram aqueles que explicitaram tal pressuposição de forma mais direta. "Religião", observava Marx, "é a consciência própria e a maneira de sentir-se daquele homem, ou que ainda não se encontrou, ou que, após encontrar-se, voltou a perder-se... Religião é o ópio do povo".(1) Freud, por outro lado, partindo de problemas, teorias e técnicas que nenhuma relação direta tinham com as de Marx, chega a uma conclusão semelhante. Donde nasce a religião? Da necessidade que tem o homem de tornar sua fraqueza e desamparo suportáveis. É uma ilusão que funciona como um narcótico.(2) Em resumo: parece haver uma tendência geral para classificar a religião como falsa consciência, como um tipo de alienação e como uma forma de enfermidade psico-social e que deveria

ser estudada pela ciência somente como uma expressão da patologia humana.

Quando pensadores tão diferentes concordam de forma tão uniforme, é muito difícil resistir ao peso que tal convergência teórica possui. Como Alvin W. Gouldner observa, aceita-se freqüentemente em sociologia que "se grandes homens concordaram de forma explícita ou implícita acerca de um ponto de vista qualquer, tal concordância deve ser, "prima facie", convincente. Convergência, ele continua, "transformou-se numa retórica, numa forma de persuadir os homens a aceitar certos pontos de vista".(3)

O que não percebemos, entretanto, é que tal convergência é idêntica ao coelho que o mágico tira de sua cartola. O segredo do truque está em que antes que o coelho fosse tirado de dentro do chapéu, ele havia sido ali colocado sem que a audiência o visse. A convergência mágica das conclusões científicas se explica pelo fato de que partimos de pressuposições comuns. A coincidência de conclusões aparece no fim como algo inesperado e surpreendente porque já antes partimos de uma "metafísica inconsciente", que se constitui no inconsciente coletivo de nossa civilização tecnológica. É esta metafísica inconsciente (que Gouldner denomina "background assumptions") que programa, de antemão, os resultados que iremos obter. Cientistas freqüentemente pensam que suas conclusões só se irão formar no final da pesquisa, ignorando que a pesquisa mesma já de antemão seleciona e classifica aquilo que desejamos conhecer. Não encontramos mais do que procuramos. Como Merton observa, "apesar da etimologia do termo, dados não são dados, mas construídos com o inevitável auxílio de conceitos. Assim, nossos conceitos

determinam de forma definitiva a inclusão ou exclusão de dados".(4)

Nas bases de nossa atitude científica estão certas pressuposições que herdamos historicamente. É esta unidade inicial que explica o milagre da convergência teórica.

Aceitamos, antes de mais nada, que conhecer é reduplicar. Ser objetivo é refletir, na consciência, os fatos sensíveis. E neste ponto a sociologia acadêmica ocidental em nada difere da marxista. Lembro-me de Engels afirmando que o socialismo científico nada mais é que um "reflexo, no pensamento", dos processos que ocorrem de fato.(5) Lá no fundo somos empiricistas que creêm que o pensamento é uma cópia mental do material. E se assim é, pressupomos que os juízos são verdadeiros na medida em que po-

A convergência, transformada em retórica, para persuadir os homens a aceitarem certos pontos de vista, é idêntica ao coelho que o mágico tira da cartola. Antes de ser tirado já foi posto lá. Quais as fontes do comportamento humano? O conteúdo da consciência é uma consequência, não uma causa.

dem ser **verificados** por meio de uma comparação com os "dados" empíricos.

O segundo axioma decorre naturalmente do primeiro. Se conhecer é reduplicar, normal é a pessoa cuja vida mental não se desvia deste processo de reduplicação. É interessante notar que Freud definia o neurótico como aquele que pensa e age a partir de "uma excessiva valorização dos seus desejos".(6) Em outras palavras: define-se como doentio um comportamento que se baseia em valores, e como normal aquele que aceita como finais os processos daquilo que definimos como real. Não há como fugir. Ao ideal científico de objetividade, no campo epistemológico, corresponde um padrão de normalidade psicossocial em termos de ajustamento. Como poderia ser de outra forma?

A terceira pressuposição de nossa metafísica inconsciente é que os processos histórico-sociais são independentes do homem. A essência da ciência marxista, observa Lukacs, está no "conhecimento da independência das forças que movem a história em relação à consciência psíquica que os homens possam ter delas." (7) Nas palavras do próprio Marx, "aquilo que um proletário ou mesmo o proletariado todo possa diretamente imaginar é totalmente irrelevante. O que importa é o que é e o que o homem se verá obrigado a fazer como decorrência desta realidade."(8) Quais as fontes do comportamento hu-

mano? O que é que o explica? Seria ele o resultado de intenções e aspirações? De forma alguma. O conteúdo da consciência é apenas um fenômeno secundário. Trata-se de uma consequência, mas não de uma causa de processos sociais. Por isto é que seria a estrutura que explicaria a consciência e não a consciência que explicaria a estrutura. Na sociologia acadêmica ocidental aceita-se o mesmo axioma. Nas palavras de Peter Blau, "uma vez firmemente organizada, uma organização tende a assumir uma identidade única que a torna independente das pessoas que a fundaram bem como daquelas que a compõem."(9) Aquilo que Althusser disse do método marxista se aplica de forma idêntica aqui. Para se conhecer o mundo humano o cientista tem de colocar entre parênteses o próprio homem. O homem concreto em nada contribui para o conhecimento e a explicação sociológica das instituições nas quais ele funciona. "O anti-humanismo teórico de Marx" é "a condição de possibilidade. do conhecimento do próprio mundo humano..."(10)

Não é esta uma pressuposição exclusiva das ciências sociais. O behaviorismo psicológico, sob a influência de B.F. Skinner, chega a uma conclusão idêntica. Repete-se o fenômeno da convergência. O comportamento humano, segundo esta teoria, deve ser compreendido como simples **resposta** a determinados **estímulos** que lhe vêm do exterior. O que o homem faz e pensa é "re-ação" a um excitante que o atinge. Note-se que este complexo de estímulos desempenha, para o behaviorismo, a mesma função que as estruturas, para as ciências sociais. Em última análise, ambos concordam em que o homem não é um fator. Ele não produz a história. Sua ação não decorre de liberdade mas antes dos determinismos materiais em que

ele se encontra inexoravelmente preso. O título do último livro de Skinner é muito sugestivo: **Beyond Freedom and Dignity** — Para Além da Liberdade e da Dignidade. (11) Segundo ele, estes conceitos em nada contribuem para a compreensão do comportamento humano, pois criam a ilusão de que o homem age movido por sua liberdade e dignidade, quando na realidade ele apenas responde aos estímulos do seu meio ambiente.

O último elemento que desejo destacar já está implícito no anterior. Imaginação não faz história. A luta de Freud contra o neurótico é idêntica ao ataque marxista contra os socialistas utópicos. Tanto o neurótico quanto o utópico não aceitaram o veredicto da realidade. Eles pensam e se comportam como se seus valores e aspirações fossem capazes de alterar o inevitável curso da realidade objetiva. Pensam que a imaginação é capaz de criar condições novas. Mas como a imaginação é uma recusa da consciência em simplesmente reduplicar os dados objetivos, e imolca numa transfiguração mágica (Sartre) dos mesmos, ela é abandonada como falsa consciência e como expressão da patologia humana.

Como regra geral podemos dizer dos métodos de investigação e pesquisa que só encontramos aquilo que procuramos. Ora, se a metafísica inconsciente que subjaz à nossa mentalidade científica pressupõe que imaginação é patologia, e que o comportamento humano é explicado apenas como função de estruturas, então não há como fugir à conclusão: a religião, antes de toda e qualquer investigação, já é definida, a priori, como falsa consciência e como enfermidade.

Porque o que é a religião senão uma forma de imaginação? Não sei o que seria mais certo dizer: que a religião é uma forma da imaginação, ou que a

imaginação tem sempre um valor religioso para o homem. Talvez que as duas afirmações sejam equivalentes. Uma coisa, entretanto, é evidente. A religião não tem uma intenção objetiva. Não pretende descrever os dados da experiência. Como observou Feuerbach, "a religião é um sonho da mente humana. (Através dela) vemos as coisas reais transfiguradas pelo fascínio do esplendor da imaginação..."(12) Assim, de acordo com a lógica da mentalidade científica, a religião tem de ser classificada na esfera da patologia.

Os próprios profissionais da religião sucumbiram sob o peso das pressuposições da ciência. Que foi o esforço para demitologizar o evangelho, iniciado por Bultmann, senão uma capitulação às evidências científicas do nosso mundo, sem se dar conta de que elas mesmas se assentavam sobre uma mitologia inconsciente acerca da estrutura da realidade? E o que dizer da teologia da secularização? Ao lado de um grande número de intuições criadoras, não pressupôs ela haver chegado ao fim a era da religião? Não aceitou ela a proclamação da morte da imaginação, implícita na metodologia científica dominante?

Os novos místicos são justamente aqueles que se secularizaram durante os dez últimos anos, estudantes e professores, pessoas que foram "conscientizadas" e "politizadas".

A função mais importante de uma teoria científica é prever. Quando elaboramos uma teoria estamos realmente levantando uma hipótese acerca do comportamento futuro do objeto que estudamos. A sua capacidade para prever corretamente é, em última instância, o critério final de sua validade. Se as previsões não se cumprem é porque a teoria estava equivocada.

Ora, o que a metafísica inconsciente de nossa época previa é que, mais cedo ou mais tarde, o pensamento objetivo, científico, haveria de suplantar a imaginação.

Entretanto, tal não se deu. Ao contrário. Talvez que um dos fenômenos mais curiosos e surpreendentes dos últimos anos seja a explosão inesperada de uma preocupação religiosa que ora presenciamos. Nos Estados Unidos da América, justamente onde a urbanização e a tecnologia sugeriam uma crescente secularização, subitamente eclode uma busca de experiências místicas nas mais variadas formas. A preocupação com a formação de novos tipos de co-

munidade e com a criação de estilos de vida diferente, a rebelião contra os padrões de produção e consumo, a rejeição do pensamento teórico como sendo uma forma de alienação, a busca de uma unidade perdida com a natureza, o esforço para redescobrir as dimensões de espaço e tempo internas à consciência, sufocados pelo pragmatismo, tudo isto, que difusamente constitui aquilo a que se denomina contra-cultura, é essencialmente um novo fenômeno religioso.

Como explicar que isto ocorra justamente agora? O que mais intriga é que não sejam os religiosos tradicionais que estejam entrando por este caminho. Não se trata de uma roupagem nova para uma religião velha. Os novos místicos são justamente aqueles que se secularizaram durante os dez últimos anos, estudantes e professores, pessoas que foram "conscientizadas" e "politizadas". Como explicar esta "regressão?" Quais os motivos que levaram aqueles que contemplaram a "luz da verdade científica" a voltar para os "subterrâneos do obscurantismo religioso?"

Talvez que encontremos algumas pistas para a nossa pergunta se nos lembrarmos de que esta foi uma geração gerada pelos deuses. Ela nasceu num mundo iluminado por certeza transcendente e por valores absolutos. Seu mundo era um verdadeiro cosmos, inspirado pela visão da Jerusalém Celestial — a ordem social perfeita de amor e justiça. Mas os seus deuses morreram. Ou melhor: foram trocados por heróis. A política tomou o lugar da religião. Creuse que a política seria o instrumento para o cumprimento das esperanças contidas na visão religiosa. Mas os heróis também morreram. Esta geração descobriu-se, repentinamente, impo-

Até agora a ciência tem realizado uma tarefa muito salutar de demitologizar a religião. Não haverá a possibilidade inversa, de que a religião abra caminhos para demitologização da ciência?

tente para levar a cabo aquilo a que se propunha. O cosmos foi invadido pelo caos. Que fazer? Bater em retirada. Sem os seus deuses, sem os seus heróis, ainda lhe restavam, todavia, os valores domésticos. O marido, a esposa, os filhos, a profissão, o jardim, a música, o "camping". Talvez que a nova tendência de se construir muros altos à frente das casas seja uma expressão inconsciente deste desejo de preservar um espaço, ainda que exíguo, que ainda esteja sob o nosso controle. As pessoas voltaram-se para o primitivo e o simples, aquelas esferas nas quais elas ainda se julgavam senhoras delas mesmas. Disseram-me que, após o fracasso da revolução estudantil de 1968 na França, houve um acentuado acréscimo nas vocações relacionadas com a agronomia. Isto é muito significativo. Pelo menos ali o homem pode ter uma certeza razoável de que plantando uvas não colherá espinhos. É mais fácil ter um mundo pequeno sob controle, que um mundo grande que não podemos nem compreender nem moldar. Mas esta retirada também estava — ou está — destinada ao fracasso. Como preservar um cosmos pessoal na megalópole que já se transforma em ecumenópole? Além disto, o Movimento de Libertação feminina veio sacudir de forma violenta o mundo frágil que os homens tentavam proteger. O que ocorre? Caos absoluto. Anomia quase que metafísica. O camponês que se desestruturava ao se mudar para a grande cidade pode sempre tentar voltar para a aldeia de onde veio. Mas para esta geração o problema deixou de ser espacial. Ele não se resolve com uma viagem. Seu cosmos já não mais existe. Sua anomia não se deriva do espaço mas do tempo. Não há mais para aonde retornar. Assim, aqueles que um

dia foram gerados pelos deuses e os mataram, descubrem de repente que sua sobrevivência depende de sua capacidade para gerar seus próprios deuses. Mesmo Nietzsche, que anunciou a morte de Deus, percebeu que um universo em que Deus morreu é um universo frio em que o sol se apagou.

Voltamos à nossa pergunta.

Tratar-se-á de uma nova forma de alienação? Poderemos simplesmente repetir o diagnóstico freudiano e receitar uma atitude de resignação estoíca, como ele o fez?

Mas isto não responde à questão. Continuamos a ter diante de nós este enigma: Qual a razão por que os homens trocam o "real" pelo "imaginário"?

Uma das grandes contribuições da psicanálise foi demonstrar que os sonhos têm um sentido. Seu absurdo aparente é uma forma de dizer uma verdade. O problema está em que o seu sentido é oculto. Seus símbolos não podem ser interpretados segundo as regras da relação sujeito-objeto. Sua relação para com sua significação não é direta. Podemos verificar uma afirmação da nossa linguagem consciente compando o signo verbal com o conteúdo sensorial ao qual ele se refere. Mas tal regra não pode ser usada para decifrar a significação dos sonhos. De acordo com a sua lógica específica, árvores não são árvores, água não é água, serpentes não são serpentes. Estes são símbolos que expressam realidades inconscientes.

Mas não é a religião um sonho de grupos humanos inteiros? Se isto é verdade, então

estamos profundamente equivocados quando a classificamos como falsa consciência ou como enfermidade. O fato é que a ciência, muito embora reconheça no nível consciente a realidade do inconsciente, ainda não o incorporou em suas maneiras de investigar a realidade. É irônico que a era que descobriu o inconsciente seja mais inconsciente dele que qualquer outra.

O mundo em que o homem vive, como ser concreto, não é o mundo descrito pela abstração científica. Consciência é relação. Relação tem a ver com os problemas vitais com que as pessoas se defrontam diariamente. E porque a cada momento a vida está em jogo, o homem experimenta o mundo primordial e fundamentalmente como emoção. O mundo nunca é um objeto que ele contempla com uma atitude desinteressada. Ele convive e ameaça, causa alegria e medo. E é esta experiência imediata, emocional, anterior mesmo a qualquer reflexão sistemática, na maioria das vezes não verbalizada e não verbalizável, que determina nossa maneira de ser no mundo. Símbolos são os instrumentos pelos quais a consciência representa para si mesma esta vivência inconsciente, que, por ser basicamente relacional, não pode ser expressada através de uma linguagem estruturada em torno da lógica de sujeito-objeto. A hermenêutica dos símbolos religiosos nos abre assim a possibilidade de contemplar o mundo real em que a vida está ocorrendo.

Se não nos esquecermos de que os místicos de hoje foram os "conscientizados" e os "poli-

tizados" de ontem, teremos uma pista para compreender a significação dos seus símbolos. Quais as opções que lhes restavam? Poderiam adaptar-se. Renunciar a seus valores. Tornar-se objetivos e rigorosos no seu desinteresse, podendo mesmo vir a se tornar respeitáveis sociólogos, psicólogos, economistas ou homens de negócio. Poderiam, por outro lado, tentar preservar seus valores. Mas como fazer isto, se não há para eles um espaço real disponível no mundo? Somente na medida em que forem capazes de preservá-los num espaço interior à sua imaginação, num mundo utópico que só existe pelo poder do seu amor. Porque, como sabemos, o homem é capaz de amar o ausente. Ou aquilo que já morreu. Ou aquilo que ainda não nasceu. Absurdo? Pode ser. Do ponto de vista da consciência, entretanto, o absurdo dos valores religiosos não é menor que o absurdo do mundo que torna impossível sua existência real. Assim, a eliminação do absurdo real criaria as condições para a não necessidade do absurdo imaginário. A esperança religiosa de um novo céu se resolveria com o advento de uma nova terra.

Não há nenhuma heresia nisto. Até mesmo a Bíblia concorda. No Paraíso e na Nova Jerusalém não há templos. Marx percebeu este fato claramente ao afirmar que a religião desapareceria com o advento de uma sociedade justa. Ele não podia esconder o inconsciente hebraico-cristão que o formou. Entretanto, o que separa os dois, a Bíblia e Marx, é que a Bíblia não vê, dentro dos limites da história, nenhuma possibilidade de um evento pelo qual o homem se redimiria a si mesmo. É isto que a igreja cristã, talvez de forma inconsciente, preservou através do símbolo do pecado original. Marx não pode resistir ao fascínio de uma visão

utópica (no sentido preciso que o Marxismo dá a esta palavra), enquanto que para a Bíblia a esperança da Nova Jerusalém permanece como um horizonte. Do seu princípio até o seu fim a história é uma sucessão de sintomas de uma enfermidade incurável.

Por isto a religião permanecerá até o fim. Como esperança e como protesto, como símbolo que informa o homem da incompletude permanente e definitiva de sua própria condição, como consciência de que a sociedade ainda não chegou e nunca chegará. Durkheim, em última análise está certo. Ele vê na religião não um fator acidental e transitório, mas como algo permanente na sociedade humana. Enquanto existir a sociedade, a religião também existirá. "Uma sociedade", diz ele, "não pode nem criar-se nem se recriar sem, ao mesmo tempo, criar um ideal". E um ideal — que nunca é um fato, mas uma construção da imaginação — tem sempre uma função e uma significação religiosas. Esta é a razão, ele conclui, porque "há algo de eterno na religião que está destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares com que o pensamento religioso sucessivamente se vestiu. "A religião, assim, "parece destinada a se transformar antes que a desaparecer."(13)

Parece-me que a persistência do fato religioso, contrária a todas as previsões teóricas, implica numa crítica radical à metafísica inconsciente que rege o pensamento científico. Porque enquanto a ciência, com sua dedicação confessada ao ideal de objetivismo, e à conseqüente identificação de normalidade psíquica com ajustamento, pressupõe, a priori, que o real é a verdade, a religião, das profundezas da sabedoria inconsciente

da própria vida, conclui que o absurdo não são os seus valores utópicos, mas a própria situação humana donde eles emergem. Assim, parece-me que a religião, mesmo nas suas formas mais "alienadas", contém uma crítica do real que a ciência, prisioneira de sua própria metafísica, não tem condições para transcender. Até agora a ciência tem realizado uma tarefa muito salutar de demitologizar a religião. Não haverá a possibilidade inversa, de que a religião abra caminhos para a demitologização da ciência?

NOTAS

- (1) Karl Marx and Friedrich Engels, *On Religion* (1964), pp. 41, 42.
- (2) Sigmund Freud, *The Future of an Illusion* (1964), pp. 25, 80.
- (3) Alvin W. Gouldner, *The Coming Crisis of Western Sociology* (1971), p. 17.
- (4) Robert K. Merton, *On Theoretical Sociology* (1967), p. 108.
- (5) Friedrich Engels, *Socialism: Utopian and Scientific* (n.d.), p. 97.
- (6) Sigmund Freud, *Totem and Taboo* (1946), p. 110.
- (7) Georg Lukacs, *Historia y Consciencia de Clase* (1969), p. 50.
- (8) *Ibid.*, p. 49.
- (9) Alvin W. Gouldner, *op. cit.*, p. 51.
- (10) Louis Althusser, *Análise Crítica da Teoria Marxista* (1967), p. 202.
- (11) B. F. Skinner, *Beyond Freedom and Dignity* (1971).
- (12) Ludwig Feuerbach, *The Essence of Christianity* (1957).
- (13) Emile Durkheim, *The Elementary Forms of the Religious Life* (1969), pp. 470, 474, 478.

As nossas liturgias não atingem mais o "coração" dos homens nem possibilitam mais um "metanóia". As posturas enrijecidas, a vergonha superou a alegria, o medo igualou-se à certeza.

Uma festa que se volta para o passado celebra os seus "heróis" os seus "mitos". Aberta ao futuro conclama à criação de novos mundos, é capaz de transmitir a esperança de que se façam novas as coisas.

O que celebramos? Por que celebramos?... Será que somos tristes celebrantes? Será que só arrastamos nossas dores através de nossos cantos? Quem não se sente comprometido com o que celebra, não se liberta.

Nossas celebrações devem conclamar a adesão para um projeto comum: a criação de um mundo onde o homem possa celebrar a sua esperança, a sua alegria de estar vivo.

Celebração cristã: uma festa comprome- tedora

Paulo César Loureiro Bottas

PODERÁ parecer estranha esta reflexão sobre o significado das celebrações cristãs no mundo de hoje. Atingidas durante séculos pelo rubricismo, as liturgias foram, pouco a pouco, tornando-se vazias do seu conteúdo verdadeiro, foram se desgastando na sua verdadeira dimensão de festa, de celebração e, na sua rigidez, foram se tornando momentos estereotipados, onde a reunião pública era motivo para um cansaço irritante, uma função social a mais, entre as tantas sem razão e significado profundo. Parece-nos caber, hoje, o trecho do evangelho de Marcos: "Bem profetizou Isaias, a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios,

mas o seu coração está longe de mim." (Mc. 7, 6).

É assim, com raríssimas exceções, que nos encontramos hoje nas nossas liturgias. Não atingindo mais o "coração" dos homens, não mais possibilitando uma "mentanóia", elas tornaram-se momentos onde os lábios pronunciavam fórmulas pré-estabelecidas, onde as posturas corporais se tornaram enrijecidas, onde a vergonha superou a alegria, o medo equiparou-se à certeza e a submissão às formas nublou a alegria de criar, a liberdade de se estar celebrando apesar de tudo.

Não temos a pretensão de esgotar o assunto. Temos apenas por motivo voltar a refletir sobre a celebração pública, no que ela tem de mais vivo e mais forte: ela pretende anunciar alguma coisa, pretende transmitir alguma coisa de forte, tem a aspiração de celebrar a nova vida fundada em Jesus de Nazaré, aquele que se chama o Cristo. (Mt. 1, 16).

O que colocaremos a seguir não pretende ser, de maneira alguma, a última palavra. São reflexões pessoais que partem da convicção profunda de que nós, cristãos, temos algo a anunciar publicamente, onde as pessoas possam se encontrar para, em comum, proclamar a razão pela qual elas atuam no mundo, pela qual pretendem "metanoizar" o mundo, as suas estruturas mais estabelecidas, mais rígidas, mais opressoras.

Uma celebração cristã não é alguma coisa neutra, inconsistente, morna, ineficaz. A celebração cristã é a festa daqueles que celebram a sua páscoa, que celebram a sua atuação no mundo, como sendo uma luta contra

as injustiças, as opressões, as dominações coletivas, tendo a consciência da sua resposta vital ao apelo de Paulo aos Efésios:

"Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz."

(Ef. 6. 13-15)

E os nossos templos deixarão de ser apenas as casas de pedra, onde as pessoas vão buscar consolo para suas misérias e penas. Nossos templos voltarão a ser o lugar da celebração, o lugar da retomada de forças, o lugar da proclamação aberta e pública de que as nossas lutas, os nossos esforços para uma transformação radical do mundo, das estruturas, baseiam-se, mais do que nunca, no critério de que somos os templos vivos de Deus vivo (Ef. II Cor. 6, 16). É por isso que as situações injustas, as situações mentirosas, ofendem a Deus: porque elas violam os homens, os templos de Deus vivo. É isto que pretendemos proclamar e temos que proclamar, celebrando: a criação de um mundo onde a fraternidade será vivida pelos homens que constroem a paz, mundo este que passa pela mediação dos nossos esforços, dos nossos compromissos, das nossas tentativas de irmos cada vez mais ao fun-

do das coisas, à verdade das situações e das nossas atitudes, ao respondermos aos desafios de hoje, contra tudo o que desumaniza, utiliza, escraviza o homem, criado à imagem e semelhança de Deus.

1. A festa: uma celebração que não é neutra.

Muitas vezes somos levados a pensar, e mesmo acreditar, na neutralidade das festas. Ora, as festas, sejam quais forem elas, nunca são neutras. Têm uma razão determinada, um fim específico. Elas querem dizer alguma coisa. Dentro desta perspectiva, a festa tem duas dimensões: ela pode ser **referente ao passado, ou referente ao futuro**. Ela pode justificar uma determinada situação, ou pode ter a força de contestar a situação. Assim, a festa sempre tem uma dimensão política: contesta ou justifica a "pólis", a ordem social vigente; contesta ou justifica o "cosmos", o universo de valores que informa a pólis.

Enquanto referente ao passado, ela exprime a justificativa do **status quo**, celebra os seus "heróis", os seus "mitos", a sua cosmovisão. Pode ser passível de controle e limita a fantasia criadora, fantasia esta expressa publicamente pelo povo que dela participa.

Ora, a festa pode mostrar outros níveis da realidade, outras maneiras de se criar a "pólis", de estruturar as relações humanas. É neste prisma que ela é referente ao futuro. Enquanto aberta ao futuro, ela mostra, publicamente, o novo, o incontornável; abre, a quem dela participa, a possibilidade de criar novos mundos, de se efetivar aquilo que ainda não é mas pode ser.

Uma festa que não possibilite a criatividade de quem participa, é uma festa presa ao passado, uma festa que transmite apenas o passado como critério absoluto da História, uma festa que conclama a recriação histó-

rica do passado como valor perene.

Uma festa aberta ao futuro é uma festa que conclama à criação de novos mundos, que apela à visão crítica de cada um, que compromete cada um no que existe de mais profundo nele mesmo: a sua força criadora, o seu universo pessoal livre, apesar de tudo, e a sua capacidade de transmitir a sua esperança de que realmente sejam feitas novas todas as coisas. (Ap. 21, 5).

A festa como abertura ao futuro só se torna ameaçadora aos que estão ligados ao passado, aos que usam da festa como instrumento de dominação ideológica, aos que são amargos, inseguros, aos que se propõem donos da verdade, aos que tentam impor, custe o que custar, a sua visão de mundo e a sua estrutura de "pólis" ligadas aos seus interesses concretos.

A festa aberta ao futuro tem o dinamismo de universalizar-se progressivamente, porque os que a celebram, e só eles, podem se abrir à experiência de novas realidades e se sentir sujeitos de uma contínua criação.

A festa ligada ao passado sempre tem a tendência de interpretar a realidade de maneira particular, e tudo o que ameaça esta interpretação é visto como "caos".

Nas estruturas rígidas toda abertura ao futuro é vista como "caótica", porque foge do controle dos que as dirigem, foge da dominação daqueles que se põem como senhores absolutos do direito de celebrar.

Assim, a festa aberta ao futuro é sempre criadora, é sempre ameaçadora de uma interpreta-

ção particular e interesseira do mundo e das estruturas, é sempre um apelo constante a uma nova criação, a um novo futuro sempre aberto e sempre pronto a ser refeito, até a plenitude dos tempos.

2. A celebração cristã: uma festa que não é neutra.

O que pode especificar uma celebração cristã? O que pode esperar um povo que vive reunido nos nossos tempos? Qual a resposta que devemos dar a estes milhares de pessoas que ainda se sentem ligadas à celebração cristã, mas que, na maioria das vezes, repetem as mesmas fórmulas, os mesmos gestos, os mesmos pecados?

Uma certa tristeza abate os rostos dos nossos crentes: até que ponto não perderam a esperança de celebrar a festa? Até que ponto a celebração para eles está sendo a expressão da sua alegria de estar vivendo, da sua possibilidade concreta de transformar as coisas que aí estão, as injustiças que vêm, de que ouvem falar, que lêem?

Será que nossas celebrações não projetam apenas num mundo etéreo e distante as aspirações mais humanas e mais justas dos que ainda dizem acreditar na Boa-nova?

O que celebramos? por que celebramos? com que força? com que convicção? com que alegria? Será que somos tristes celebrantes? será que só arrasamos nossas dores através de nossos cantos?

Será que a rigidez dos nossos corpos não transmitem a nossa omissão de nos comprometermos com as exigências reais do Evangelho?

Só celebra quem acredita no que está celebrando, e a celebração é a expressão pública desta crença, desta convicção. Só é capaz de se descontraír, quem se sente celebrando, não mais por necessidade — para abrandar a ira de Deus — mas por gratuidade, por dom, por

expressar a sua entrega radical àquilo que pretende celebrar e festejar.

Quem não se sente comprometido com o que celebra, não se liberta, não é eficaz na sua ação no mundo. É capaz de repetir palavras, de repetir os sons, os gestos, mas é incapaz de entender o que isto tem de mais profundo, de mais exigente, de mais vital. Aquele que repete a palavra, não é necessariamente aquele que a está vivendo. Aquele que apenas crê, não é necessariamente o mais eficaz. Como diz Tiago: "Até os demônios crêem e tremem" (Tiago 2, 16). Ora, a palavra é eficaz na sua "praxis" ou ela é insignificante. O Novo Testamento o diz: "Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta". (Tiago 2, 17). Isto tudo implica dizer que **uma celebração ou é uma celebração de uma "praxis", de uma ação no mundo, de uma ação transformadora das estruturas injustas do mundo, ou ela é insignificante, é morta.**

Pensemos se não está aí a razão da tristeza das nossas celebrações. Pensemos se o esvaziamento das nossas liturgias, o tom moroso, pesado e cansativo não surge porque elas não levam ninguém a tomar nenhuma decisão que comprometa a sua vida. Uma celebração viva é uma celebração de pessoas vivas, que agem no mundo, que contam com seus fracassos, mas que acima de tudo contam com a esperança de realizar aquilo que fundamenta a sua ação, a palavra que eles dizem.

O que celebramos nós, hoje? Nossas boas intenções, ou a nossa "praxis" efetiva para a consolidação do desígnio de Deus?

Nossas celebrações não podem ser mais um momento de evasão das nossas responsabilidades, não podem mais apenas alimentar o nosso "espiritualismo" ingênuo. Nossas celebrações hão de ter a força de co-

municar novos mundos, de conchamar a novas adesões, mas novas adesões para um projeto comum: a criação de um mundo, de uma "pólis" onde o homem possa celebrar a sua criatividade, a sua esperança, a sua alegria de estar vivo.

A celebração é o momento mais expressivo de uma comunidade, de um povo. É o momento público onde é exprimido o que motiva a vida e as atitudes das pessoas. Ela não é o início, mas o fim. É passagem, dinâmica sempre, sempre continua. Ela é sempre nova como expressão, porque sempre novas são as exigências dos momentos históricos onde o desígnio de Deus é realizado.

Quando Deus chama Moisés, é para pedir-lhe uma "praxis", e somente depois dela ter sido realizada, haverá a celebração, e esta celebração será o sinal de Deus, sinal efetivo de algo realizado.

"Vem agora e eu te enviarei ao Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito. Então, disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir ao Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel? Deus lhe respondeu: Eu serei contigo e este será o sinal de que eu te envie: depois de haveres tirado o povo do Egito, servireis a Deus neste monte".

(Êx. 3. 10-12)

Os salmos eram cantados e dançados pelo povo, porque os homens tinham a certeza da promessa de Deus. Eles eram, em forma de poesia, a maneira festiva de manifestar publicamente a presença de Deus na luta pela libertação do povo, na luta pela manifestação profunda da esperança que os consumia, que os orientava para a Terra Prometida. Eles conclamavam o povo à descontração total dos seus corpos, à expres-

são criadora da sua capacidade de festejar, de celebrar as vitórias. E, mesmo nas derrotas, celebravam a misericórdia de Deus, misericórdia que os libertava para o futuro, para novas tentativas de conquistar a terra da Promessa.

A alegria está, intimamente, ligada à esperança e à certeza. E a esperança e a certeza nos possibilitam uma situação de liberdade para criar novas situações mais libertas.

O que nós fizemos, hoje, dos salmos?

Nós os recitamos como pessoas tristes e omissas. Eles não mais exprimem a esperança, a certeza, a luta, o louvor. E por quê? Porque nós não nos encontramos, existencialmente, na mesma situação daquele povo? Ou porque nós não queremos ver que nossa situação existencial é a mesma do povo em Êxodo? De um povo que celebra a fidelidade do seu Deus, no meio de guerras, de opressões, de despersonalizações, de uma luta constante, de uma atitude de esperança constante, de uma consciência pública eficaz.

Até que ponto nós demos a esperança porque não somos eficazes no mundo, porque, quando muito, conseguimos transformar as pessoas em belas almas omissas, evasivas, tristes, inseguras, insípidas?

A celebração cristã não é uma festa neutra. Ela pretende provocar atitudes, ela pretende comprometer as pessoas, publicamente. Ela pretende anunciar algo novo. Ela pretende celebrar a "praxis" dos homens que se propõem transformar as estruturas injustas em estruturas justas, as estruturas desumanas em estruturas humanas. Por isso eles se dão o direito de celebrar, de cantar, de dar graças gratuitamente a Deus. A celebração para eles não é uma necessidade, como comer e vestir, mas é a expressão gratuita daquilo que fazem; e que fazem porque crêem e se sentem "salgados com o fogo". (Mar. 9, 49).

A celebração cristã tem três dimensões que interagem. Se

qualquer delas faltar, será uma celebração ineficaz, pobre e fraca.

A celebração cristã é ao mesmo tempo: memória, profecia e promessa. Reflitamos um pouco sobre cada uma delas.

2.1. A celebração como memória.

O que fundamenta a celebração como memória é a Ressurreição. E celebrar a Ressurreição hoje, é afirmar que Cristo é. A celebração da Ressurreição tem sua força na celebração do anúncio do novo, do radicalmente novo, criado em, e por Jesus Cristo. Neste prisma a celebração cristã é necessariamente aberta ao futuro. Sua referência ao passado só existe enquanto este passado nos projeta no futuro, nos leva a uma consciência do futuro, do novo a ser anunciado. E Cristo é hoje, aqui e agora. Enquanto celebração do novo que vem, a celebração cristã mostra o relativismo de todas as instituições, de todas as organizações sociais, de todas as ideologias que tentam usar, em seu interesse, as forças humanas, a capacidade criadora dos homens.

E esta dimensão do novo implica uma radicalidade de situação. No novo não existe nada que possa coexistir com o velho. No novo não existe nenhuma realidade passada, previsível, controlada. O novo é imprevisível. É o que vem. É o que faz os homens olharem para a frente, que lhes dá a consciência de que todas as coisas podem ser feitas de maneira diferente.

“Vi o novo céu e a nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra já passaram, e o mar já não existe”.

(Ap. 21, 1)

estão feitas, sejam as estruturas políticas, econômicas, sociais, religiosas, não podem ser tomadas como um absoluto. A Ressurreição relativiza todas as formas que se pretendem absolutas. Elas sempre podem e sempre poderão ser feitas e realizadas de maneira diferente. Nesta dimensão do novo, a celebração exprime a liberdade do homem de poder criar as coisas de maneira nova. Ela deve transmitir isto: o gosto pelo novo, a relatividade das coisas como estão, o provisório dos que pretendem dar a última palavra, dos que julgam possuir a verdade. E Cristo é hoje, e apela para novos mundos hoje. E Cristo existe numa situação pública, visível, coletiva, que exige de nós um novo mundo, a criação de novas terras onde os homens não mais estejam, publicamente, nas mesmas situações corrosivas. E o Cristo o diz claramente:

“Tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me hospedastes, estava nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, preso e fostes ver-me”.

(Mt. 25, 35-36).

Quem de nós já pensou que esta colocação do Cristo poderia se referir a uma coletividade de pessoas que se encontram nesta situação por causa de estruturas velhas, corroidas, e que impedem a manifestação pública e coletiva do novo e da Ressurreição?

Celebrar a Ressurreição é celebrar e anunciar o novo, é abrir-se ao futuro, é sentir-se empenhado com os outros homens na construção de novos céus e nova terra. É ter, ao mesmo tempo, a consciência de que tudo o que impede a explicitação do novo, das novas estruturas, das novas terras, dos novos céus, é anti-Ressurreição e é o que traz a dimensão da triste-

A celebração cristã deve dar publicamente esta consciência do novo. Todas as coisas, como

za, da amargura, da posse, do velho, do corrompido, do opressivo.

2.2. A celebração como profecia.

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados, e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes. Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Aprendei a fazer o bem, atendei à justiça, repreendei ao opressor, defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas”.

(Is. 1. 11, 15, 17)

Ao enfocarmos a celebração como profecia, queremos evidenciar que ela é vivida em duas dimensões: a da justiça e a da verdade. É em nome da verdade que proclamamos as situações de injustiça que ocorrem no nosso mundo, no nosso contexto histórico e nas estruturas em que estamos inseridos como homens. A celebração na sua função profética tem o dever de, publicamente, anunciar, a situação do aqui e agora, das estruturas que impedem, por sua injustiça, a paz. A verdade que é manifesta nesta celebração possibilita que ela não seja a negação da esperança daqueles que sofrem por causa da justiça, na atitude pública de uma assembléia cristã unida e reunida para celebrar a Páscoa do Senhor. Ora, a profecia sempre denunciou a infidelidade de Israel e a fidelidade de Deus, apesar da infidelidade do seu povo.

E a infidelidade do povo de Israel não é uma infidelidade individual mas, sim, uma infidelidade coletiva, estrutural. Israel é infiel porque não pratica a justiça, porque suas estruturas políticas e sociais são opressoras, são usadas no interesse de poucos. É por isto que Deus fica irado. E Deus, ao reafirmar a sua fidelidade aos que sofrem, aos que são oprimidos nesta situação, renova constantemente a sua aliança e desafia os opressores, dando aos oprimidos a certeza da vitória:

“Quem és tu que te esqueces do Senhor que te criou, que estendeu os céus e fundou a terra, e temes continuamente todo o dia o furor do tirano, que se prepara para destruir? Onde está o furor do tirano? O exilado cativo depressa será libertado, lá não morrerá, lá não descerá à sepultura, o seu pão não lhe faltará. Ponho as minhas palavras na tua boca, e te protejo com a sombra da minha mão, para que eu estenda novos céus, funde nova terra e diga a Sião: Tu és o meu povo”.

(Is. 51. 13, 14, 16)

A celebração cristã como profecia tem a característica e a força de estar inserida no momento histórico onde é vivida.

Ela não é uma projeção absurda de coisas não incorporadas, mas se sedimenta na realidade que nos cerca e nos desafia.

Em nome desta verdade é que, publicamente, devemos proclamar que as coisas, quando injustas, não estão identificadas com o desígnio de Deus, com o Reino de Deus. O Reino de Deus está sob o jugo da paz, mas uma paz que é fruto da justiça e do amor.

A celebração cristã, como profecia, lança o desafio, desvenda

o véu que cobre a verdade, revela o verdadeiro rosto da situação em que estamos vivendo, das estruturas às quais estamos condicionados. E ela diz, acima de tudo, que quando tais estruturas não permitem ao homem que exerça constantemente a sua criatividade, e que seja dono da sua própria criação, essas estruturas não correspondem ao desígnio de Deus, e desafiam os que se propõem à efetivação deste Reino de paz, de justiça, de verdade, de amor que começa no aqui e agora do nosso cotidiano.

A celebração nos leva a ver a nossa própria verdade e a ter que dar uma resposta imediata, efetiva, eficaz ao que nos está desafiando, sob pena de não mais podermos celebrar por causa da nossa omissão, da nossa evasão, do nosso medo, da nossa covardia, da nossa tentativa ingênua de "espiritualizar" as exigências do Evangelho.

"Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa, e necessitados do alimento cotidiano e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disto?"

(Tiago 2.14-16).

2.3. A celebração como promessa.

A esperança justifica e fundamenta a celebração como promessa.

É a esperança que nos faz ir sempre em frente, apesar de tudo. Uma celebração cristã que celebra a promessa, é a celebração que leva o povo a tomar uma atitude corajosa. Esta celebração manifesta que a atitude que vem da esperança é uma atitude de coragem para enfrentar o que impede a realização do prometido. É a celebração

como promessa que nos faz ter, também, uma atitude de perseverança. De perseverança nas nossas convicções, nas nossas ações e nas nossas atitudes de relativar tudo o que se apresenta como absoluto.

"Porque na esperança fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas se esperamos o que não vemos com paciência o aguardamos".

(Rom. 8.24-25)

Ora, celebrar a esperança, nada mais é do que celebrar o que fundamenta a nossa "praxis": a certeza de que a Promessa de Deus se realizará, apesar de tudo o que tenta impedir a sua explicitação mais plena.

"Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, portanto, tomai toda a armadura de Deus para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes: cingindo-vos com a verdade, vestindo-vos da couraça da justiça, calçai os pés com a preparação do evangelho da paz".

(Ef. 6.12).

A esperança nos leva à coragem de existir, e esta coragem nos liberta para atuarmos nas transformações radicais das estruturas desumanas.

Celebrar a esperança é celebrar a postura de um povo, que

está sempre conquistando o seu direito de criar cada vez mais livremente.

“Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão... todavia andemos de acordo com o que já alcançamos”.

(Fil. 3.13-16).

É esta dimensão da celebração como promessa. É a festa de que nossas esperanças serão um dia realizadas e que, por isto, nós nos damos o direito de celebrar com força, publicamente, as nossas certezas.

“Nós, porém, segundo a promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”.

(II Pe. 3, 13).

3. À guisa de conclusão

Esta é a celebração cristã — de memória, de profecia, de promessa — onde cada componente é vital, onde um não existe sem o outro, pois, se um faltar, a celebração perde o seu significado real e comprometedor. Esta é, a meu ver, a dimensão da festa que queremos celebrar, e da celebração que queremos festejar: nenhuma realidade tem necessidade de ser “espiritualizada”, porque a verdade não é mais ameaçadora, porque os desafios não nos

atemorizam. Isto tudo porque contamos com a Ressurreição e com a Promessa. É por isto que profetizamos: porque a Ressurreição e a Promessa nos libertam. É por isto que celebramos: porque a festa é a maneira mais eficaz de mostrar a Boa Nova, de manifestar novos céus e nova terra, e de afirmar aos homens que eles são o templo de Deus vivo, e que para eles todas as coisas foram feitas. E esta celebração só pode ser feita pelas pessoas que entenderam que o dom de Deus é a vida, e a vida é este nosso cotidiano onde buscamos o amor, amando; a justiça, lutando; e a verdade, profetizando; nos abrindo à experiência sempre nova do novo e do futuro inaugurado pela Ressurreição.

“Davi ia vestido de um manto de linho fino, como também todos os levitas que levavam a arca, e os cantores, e Quenianias, chefe dos que levavam a arca e dos cantores. Davi vestia também uma estola sacerdotal de linho. Assim todo o Israel fez subir com júbilo a arca da Aliança, fazendo ressoar alaúdes e harpas. Ao entrar a arca da Aliança do Senhor na cidade de Davi, Mical, filha de Saul, estava olhando pela janela, e, vendo ao rei Davi dançando e se alegrando o desprezou no seu coração”.

(I Crôn. 15.27-29).

Resta apenas uma indagação: a que descendência pertencemos nós, à de Davi ou à de Mical?

UM CREDO PARA NOSSA ÉPOCA: EXISTE ISSO ?

Breno Schumam

O falar da Igreja nunca pode ser neutro. Os antigos e já clássicos credos e formulações similares da fé cristã são o atestado mais indiscutível desse fato. Aquilo que popularmente ficou conhecido como "breve resumo da fé" teve antecedentes bem mais movimentados do que se pode supor pelo texto lido hoje. Cada palavra está preñe de significados polêmicos.

O conhecido teólogo suíço Lukas Vischer dedica-se, no momento, a uma tarefa simultaneamente fascinante e embaraçosa: levantamento e coleta de todas as formulações da fé cristã, de todas as épocas, igrejas e lugares. A etapa seguinte da pesquisa é evidente: verificar a concordância e as disparidades, descobrir quais fatores concorreram para uma e outras, estabelecer as conseqüências do todo na história e procurar a viabilidade de síntese. O último item provocará sérias dúvidas, em alguns. Parece-me que a mais importante é esta: Será a síntese a tarefa mais urgente de nossa geração?

O silêncio impossível

Qualquer comunidade que se compreende como Igreja de Jesus Cristo precisa falar, precisa expressar e possuir a combinação de palavras e experiências. Mesmo a assim chamada "igreja do silêncio" tem essa vivência: a designação, antes de tudo, representou uma metáfora, manipulada posteriormente por certa propaganda sempre ávida de "slogans" mentirosos.

A necessidade inevitável de falar, no entanto, ainda deixa

em aberto outra questão: Que é que precisa ser dito? Justamente o problema do conteúdo é que tem resultado em todas as concordâncias e disparidades, na história. Porque o falar da Igreja é sempre confissão, profissão de fé, testemunho. Ora, o testemunho revela obrigatoriamente mais do que interesse por algo. O testemunho sempre implicará em adesão, engajamento. Quando o indivíduo ou a comunidade dão testemunho de sua fé, estão expondo uma parte de si próprios, estão oferecendo algo da própria pessoa, da própria vida. Assim, a mera comunicação de um fato, diante do qual o comunicador poderia manter-se neutro, salvaguardando a própria objetividade, seria tudo menos testemunho. O falar da Igreja nunca pode ser neutro.

Os antigos e já clássicos credos bem como formulações similares da fé cristã são o atestado mais indiscutível desse fato. O que popularmente ficou conhecido como "breve resumo da fé", teve antecedentes bem mais movimentados do que faria supor o texto lido hoje. A rigor, cada palavra está prenhe de significados polêmicos, cada vocábulo foi escolhido a partir da "praxis" e cada formulação depende de duas grandezas multiformes que necessitam constante reinterpretação: a Bíblia e os desafios de uma época. Vejamos o que isso significa mais precisamente.

Testemunho como processo

Dois aspectos básicos caracterizam a confissão de fé dos primitivos cristãos: a referência a Jesus de Nazaré e a concisão.

Por exemplo: "O Senhor é Jesus Cristo" (1 Coríntios 12.3); "Jesus é o Cristo" (1 Jo. 2.22); "Jesus Cristo veio em pessoa" (1 Jo. 4.2).

Tais formulações, é óbvio, pressupõem toda a longa história da fé de Israel. E seu caráter polêmico dificilmente poderia ser superado. Pois, de um lado, o título de Senhor só era admissível como referência a Deus; de outro, era contestada a pretensão do César Romano, que exigia o título para si. O martírio de não poucos cristãos comprova, antes de mais nada, que esse Credo comunicou muito bem e que foi perfeitamente entendido, em todas as suas implicações, por não cristãos. De resto, é indiscutível que nos deparamos com certa reinterpretação do Antigo Testamento. No entanto, é importante ressaltar que, para os primeiros cristãos (que nem sequer tinham essa designação), bastou a vinculação do Nazareno a Javé. A elaboração de nova doutrina de Deus (de nova "teologia"!) pareceu desnecessária. Assim como a nascente comunidade cristã não revelou qualquer preocupação pela designação de seu grupo, limitando-se a adotar o vocábulo secular referente a qualquer reunião popular ou assembléia corporativa.

Certos desafios da época provocaram gradativa ampliação dos Credos primitivos. O paganismo foi um desse desafios e o testemunho acerca do Deus Criador, a resposta da Igreja primitiva. Resposta que retomaria a milenar fé de Israel, também expressa em desafio aos babilônios. Outro desafio representou a concepção antropológica que vê a alma como imortal e o corpo como mera prisão ou receptáculo desprezível. A resposta cristã a isso faz clara referência à ressurreição do corpo (ou da carne), reafirmando assim a responsabilidade pelo próprio corpo, pelas necessidades

alheias e pelo mundo em geral. Sendo Deus quem ressuscita, o testemunho cristão nos informa que Deus leva a sério o homem todo, e que nesse fato se fundamenta a incomparável dignidade humana. Será preciso perder tempo, lembrando que conseqüências pode e deve ter esse Credo?

Na opinião de alguns, a referência ao Espírito Santo, no Credo, deve-se à prática do batismo, ocasião em que a profissão de fé era exigida. E o Espírito era considerado como dádiva e efeito do batismo. Assim, a liturgia, a disciplina e o próprio ambiente do Cristianismo primitivo foram suscitando fórmulas e provocando sucessivas modificações, acréscimos, elaborações novas. Em todo caso, ao contrário do que alguns continuam a sustentar, os credos pós-neotestamentários não resultaram de elaboração teológica orientada unicamente pelo texto bíblico. É bem verdade que refletem um conjunto de tendências teológicas, que poderão ser localizadas, com maior ou menor evidência, em o Novo Testamento. Mas suas fontes são diversificadas e variados os impulsos que conduziram às formulações que hoje conhecemos e usamos. Mais diversas ainda se tornaram as interpretações dadas aos Credos clássicos. Ficou célebre a explicação do Credo (dito) Apostólico que se encontra no Catecismo Menor de Martim Lutero: todos os fatos salvíficos "objetivos" foram transpostos para a esfera existencial do crente. Sob certo ponto de vista, trata-se de

um "novo credo", tanto no que se refere ao conteúdo como ao estilo. Se, e parece ser o caso, o Credo já se tornara ininteligível no século 16, que dizer da situação em nossos dias?

Testemunhar, temos visto, não é apenas afirmar. É também viver o que se confessa. Por isso mesmo, nenhum Credo poderá abstrair, por exemplo, da oração, do serviço, do amor. O Credo não poderá ignorar as estruturas de vida. Nas palavras de Tielko Tilemann, "mesmo que não houvesse igrejas e teólogos, permaneceriam as perguntas que precisam de resposta". Ora, todas as questões da vida estão relacionadas com a fé e vice-versa. Pergunta-se: é possível professar a fé através de fórmulas que exigem o estudo de compêndios de história e dogmática, para serem realmente compreendidas? Mais ainda: é possível dar um testemunho de fé diante dos desafios de nossa época, de nossa geração, usando formulações que refletem polémicas de 17 ou 18 séculos atrás? Em resumo: é possível ignorar o longo processo histórico que conduziu a determinadas fórmulas (e que a elas sucedeu?)

Diversos grupos, de variadas tendências teológicas, respondem a essas perguntas com um não unânime. Para eles, tornou-se candente a questão do testemunho hoje. E são de opinião que chegou o momento em que não é mais suficiente explicar e interpretar. Palavras e vivências mudaram e, portanto, será obrigatória a nova confissão de fé, o credo para a nossa época. Rudolf Bembeneck coloca a problemática da seguinte maneira: "Nosso testemunho precisa tornar compreensíveis os

efeitos e implicações da fé cristã diante de determinados problemas e situações contemporâneos". E postula um "credo circunstancial" em analogia à chamada ética circunstancial (ou situacional), considerando indispensável o concurso da sociologia, psicologia social, politologia e disciplinas afins. Em sua opinião, um credo hodierno precisaria reportar-se a questões como a da paz, das relações com Israel e o Judaísmo, do racismo, das bases do humanismo etc.

Como se vê, a questão do conteúdo permanece, mesmo num credo circunstancial, nascido dentro de determinada etapa do processo histórico, em determinado lugar. Mas o reconhecimento de que existe tal processo impede, pelo menos, que essa ou aquela fórmula se tornem absolutas, permanentes e imutáveis.

O que segue é uma seleção de testemunhos modernos de fé. Os modelos foram escolhidos bastante ao acaso. O interesse maior reside em torná-los conhecidos, para que possam ser aproveitados como material de discussão e reflexão. As observações que acompanham cada modelo apontam alguns dos problemas teológicos latentes e não são, nem de longe, exaustivas.

Um Credo Estadunidense

**O homem não está só,
pois vive no mundo de Deus.**

Nós cremos em Deus:

**que criou e continua criando,
que veio no verdadeiro**

**Homem, Jesus,
para reconciliar e renovar,
o qual atua em nós e entre nós
por seu Espírito.**

Nós confiamos nele.

Ele nos chama a ser sua Igreja:

**para celebrar sua presença,
amar e servir aos outros,
desejar a justiça e resistir
ao mal.**

Nós proclamamos seu reino.

**Na vida, na morte, na vida além
da morte,**

ele está conosco.

Nós não estamos sós;

nós cremos em Deus.

A primeira constatação do credo parece refletir uma típica situação existencial-urbana: a solidão. Solidão e mundo, o individual e o global introduzem a fé em Deus, expressa em termos trinitários tradicionais. Toda a linguagem, aliás, é bastante bíblico-tradicional, o que levanta um imediato temor: compreenderá o homem moderno (e solitário) o que seja "Espírito", "reino", "vida além da morte?" Em outros momentos, a formulação é feliz. Por exemplo: a ênfase no processo de criação como algo que continua hoje. A solução de compromisso ("em nós e entre nós"), para resolver célebre problema filológico-teológico, é simplesmente brilhante. O mesmo deve ser dito acerca do fecho: os que confessam também conhecem o que seja solidão. Mas conhecem e confessam mais do que isso. Assim, a confissão expressa solidariedade com os homens, anexando um convite-apelo aos "outros": confiem também! (A dimensão do humor não ficou ausente: uma das sentenças quase repete o lema impresso no papel-moeda norte-americano...)

Um Credo da Comunidade Estudantil Evangélica de Bonn

Nós cremos em Deus
que dá sentido à nossa vida,
origem e alvo de toda realidade,
através do qual estamos ligados
a todas as coisas.

E em Jesus Cristo,
nosso Senhor,
um homem nascido como nós,
no qual estava a vida
propriamente dita,
a proximidade de Deus
e seu poder
para nos chamar a uma vida
nova,
presenteada imerecidamente,
em liberdade e gratidão.
Rejeitado pelos homens,
entregue ao poder estatal,
exposto ao mais profundo
absurdo,

na cruz e na morte,
ele faz um apelo à nossa decisão,
apesar de tudo,
e dá-nos coragem
para crer, amar e esperar,
pois participa, agora,
da realidade vivificante de Deus,
que se aproxima de nós,
exige algo de nós e nos agracia.

Nós cremos em sua
atuação presente,
que todas as Igrejas
estão unidas nele,
que através dele é possível
a comunhão autêntica,
que ele nos liberta de toda
alienação

e dá sentido à esperança
mesmo diante da morte.

Nós cremos.

Senhor, ajuda-nos
em nossa falta de fé.

Eis um texto que quase poderia ser adotado por universitários do mundo inteiro: linguagem sofisticada, formulações dialéticas, alguns termos-chave que lembram outros tantos de-

bates acadêmicos fundamentais. O esquema trinitário foi mantido de forma discreta (Espírito Santo=realidade vivificante de Deus=sua atuação presente) e ortodoxa. A combatida virgindade de Maria foi abolida, em benefício de enfoque mais paulino (involuntário?). As referências a Deus, quase generalizadas e filosóficas, recebem clara especificação através do "homem nascido como nós, no qual estava a vida". A expressão "nosso Senhor" é só aparentemente tradicional: a rigor, foi retomado o sentido bíblico-polêmico original (veja-se a sentença "entregue ao poder estatal!"). A tônica dos conceitos é de ordem existencial e é quase inevitável verificar a influência de Sartre, Camus, Bultmann. A situação ecumênica é abordada com honestidade, embora a rejeição do "creio numa igreja" seja questionável. O tema da justificação pela graça (ausente no Credo Apostólico!) foi oportunamente incluído. O fecho é comovente, no melhor sentido da palavra, ao retomar a confissão de fé de "um homem", a quem Jesus ajudou. Sendo bom lembrar que, no caso, a confissão foi anterior(!) ao milagre (Mateus 17.14-21).

Credo usado em culto de jovens, em Gütersloh (Christoph Wahl)

**Creio em Deus,
o Pai de todos os homens
e Senhor do mundo,
seu Criador e mantenedor.
Creio que Deus me colocou
neste mundo
e que sou responsável
diante dele.
Creio em Jesus, o Cristo,
no qual Deus se encontra
com o homem.
Creio que ele me reconcilia
com Deus,
que ele vive e reina
e me chama a servir aos homens.
Creio que Deus
está agindo no mundo
através de seu Espírito Santo.
Creio que ele me chama
por sua palavra
à sua comunidade
e que tenho comunhão com ele
pelo pão e vinho.
Creio que Deus estabeleceu
um alvo para este mundo
e permite que eu participe
de seu futuro. Amém.**

A formulação procura expressar a fé individual e consegue, ao mesmo tempo, evitar todo individualismo. Pois o eu está constantemente correlacionado com os outros: todos os homens, a realidade deste mundo, a comunidade. O que alguns preferem chamar de ortodoxia, está assegurado plenamente: todas as relações humanas tornam-se possíveis pela ação de Deus; a ação de Deus é fundamentalmente seu encontro reconcilia-

dor com o homem, em Cristo; esse encontro cria comunidade, indica tarefas e tem um objetivo. (Note-se que "seu" futuro é o de Deus, não o do mundo, de acordo com o original.) O credo mantém a referência trinitária e é quase a paráfrase do Apostólico, abstendo-se, porém, de mencionar tudo aquilo que costuma provocar polêmicas e enérgica rejeição, da parte dos jovens: geração e nascimento "sui generis" de Jesus, descida aos infernos, ascensão. A supressão do termo ressurreição não constitui aspecto novo, já que nem o Novo Testamento o utiliza sempre. É possível que jovens de todas as idéias preferiram confessar que Cristo vive, que existe um futuro e que se pode contar com esse futuro, como sendo nosso.

Outro credo para jovens

**Creio que Jesus foi o que
deveríamos ser:
Servidor e Irmão de todos
os que precisavam dele.
Porque amou, teve de sofrer.
Porque não foi só prudente,
teve de morrer.
Mas ele não morreu em vão
e, a rigor, não foi derrotado.
Será dele a última palavra
e todos, os mortos, os vivos
e os vindouros
serão avaliados por seu critério.
Creio que, com Jesus entrou
novo espírito no mundo,
que ensina uma linguagem
comum
a homens tornados inimigos,
fazendo com que se reconheçam
como irmãos;
que nos encoraja a prosseguir
a rebelião do amor contra
o ódio;
que aguça nossa capacidade
de julgar,
vencendo o desespero
e tornando compensadora
uma vida fracassada.
Creio que sou o que sou,
através de Jesus.**

É através dele que experimento
o poder de Deus.

E assim como eu,
todos os homens

devem tudo isso a ele,
mesmo que não saibam.

Como a mim, chamou todo o
mundo para dentro da vida.

É dele o mundo,
diante dele somos responsáveis
por tudo o que fazemos.

Sim, estou de acordo
com minha vida

e digo sim à minha destinação:
dar adiante o que recebi
de Deus.

Eis uma tentativa fulgurante
de retomar o mais antigo, ori-
ginal e conciso credo ("Jesus é
Senhor") e traduzi-lo em ter-
mos contemporâneos e infor-
mais. O carpinteiro de Nazaré
é a medida de todas as coisas,
a começar por mim. E quando
me olho, ocorre um juízo, uma
crise. A crise de uma descoberta
incômoda e constrangedora:
não somos irmãos e detestamos
servir. Não amamos e preferi-
mos ser prudentes. Mas ele foi
o que deveríamos ser!

A descoberta do eu está rela-
cionada, de maneira muito adul-
ta, com a descoberta de todos
os outros, de toda a realidade.
E o juízo, a crise recai sobre
tudo isso que se conhece. Todas
as frustrações e até mesmo a
vida perdida recaem sob um
juízo proclamado com gana,
com o ímpeto de reiterado Pen-
tecostes. Mas não é juízo exclu-
dente nem condenatório, pois
cumpre prosseguir "a rebelião
do amor". O novo espírito tra-
zido para dentro do mundo é
conscientizador. Por isso o sim
à vida e à tarefa implícita no
ato de viver.

Credo formulado em reti- ro para soldados

Jesus Cristo — nosso Senhor!

Ele viveu na terra o amor
de Deus,

fazendo-nos ver como
um homem

pode se encontrar
com outro homem.

Ele fez a experiência
de como nos excluímos
mutuamente

da comunidade
por força de preconceitos.

Ele também demonstrou
que é possível reconduzir
excluídos

para dentro da comunhão.

Igualado aos excluídos,
teve de sofrer

e morreu como criminoso
na cruz.

Mas nós sabemos

que ele não ficou na morte,
e sim, vive ainda hoje.

Com todos os que confiam
em Jesus,

espero que ele permaneça
comigo também,

quando sinto medo
e não consigo crer.

E quando eu morrer.

O responsável pela formulação
desse modelo, o pastor luterano
alemão Helmut Ruhwandl, foi
acusado de heresia e difamação
de Jesus Cristo, há dois anos.
Mas a direção de sua Igreja re-
jeitou os argumentos dos oposi-
tores.

O credo, como tal, desconhece
referências trinitárias, enfati-
zando o fato salvífico da cruz (e
da ressurreição). Mas essa ên-
fase não desconhece a relevân-
cia que cabe ao Cristo que age
hoje. Daí a seqüência de pro-
blemas atuais: humanidade,
preconceitos, solidariedade, jus-
tiça. Além dos protestos, não
faltou quem elogiasse o aban-
dono de formulações metafísicas
e incompreensíveis em prol de
expressões extremamente sim-
ples (ou quase simplórias):

“que ele permaneça comigo também... quando eu morrer”. Além de evitar o impessoal e distante, o autor também conseguiu traduzir o que seja solidariedade universal ou ecumenismo de modo agradável e inteligível: “todos os que confiam em Jesus”. A crítica mais objetiva, talvez, foi a formulada por Werner Schmidt: Não estariam os participantes do retiro por demais preocupados com seus próprios problemas? A pergunta é séria. No entanto, que é que nos preocupa, ao professar a fé?

Credo de Dorothee Sölle

Creio em Deus
que não criou o mundo
já pronto,
como coisa que deva ficar
como está, para sempre;
que não governa segundo
leis eternas
de imutável validade,
nem segundo ordenações
naturais
de pobres e ricos,
especialistas e desinformados,
dominadores e dominados.
Creio em Deus
que deseja a resistência
do que vive
e a transformação de todas
as condições
através de nosso trabalho,
através de nossa política.
Creio em Jesus Cristo
que tinha razão
ao lutar pela transformação
de todas as condições,
sozinho como nós,
sem nada poder fazer,
e que com isso se arruinou.
Comparando com ele, reconhecemos
como nossa inteligência
se atrofia,
nossa imaginação sufoca,
nosso esforço é vão,
porque não vivemos como
ele viveu.
A cada dia temo

que ele tenha morrido em vão
porque está soterrado
em nossas igrejas,
porque traímos sua revolução
em obediência e por medo
às autoridades.

Creio em Jesus Cristo
que ressurge em nossa vida
para que fiquemos livres
de preconceitos e arrogância,
de medo e ódio,
continuando sua revolução
em direção de seu reino.

Creio no Espírito
que entrou no mundo,
com Jesus,

na comunhão de todos os povos
e em nossa responsabilidade
pelo que resultar

de nosso mundo:
um vale de lágrimas,
fome e violência
ou a cidade de Deus.

Creio na paz justa
que é realizável,
na possibilidade de uma vida
plena de sentido
para todos os homens,
e no futuro deste mundo
de Deus. Amém.

É pouco conhecida no Brasil a combativa teóloga alemã que redigiu esse último credo de nossa seleção. No entanto, é possível que sua reflexão fornecesse elementos mais relevantes, para a tarefa de cada um, do que os oferecidos por certas correntes neofeministas. Seja como for, será impossível, nos próximos anos, ignorar a contribuição de D. Sölle, sempre que a teologia tiver de levar a sério problemas iminentes, questões de solidariedade e universalidade. A mulher que certa vez definiu ateísmo como sinônimo de resignação(!), desafia-nos com seu modelo de profissão da fé.

O credo apresenta estrutura quase trinitária (seria a paz objeto de um “quarto artigo?”), embora não se constatem maiores pruridos de ortodoxia. Ao mesmo tempo que menciona a criação, a autora centraliza a atenção nas condições e situações reinantes nessa criação:

subdesenvolvimento e os males que o configuram. Todo aquele que confessa sua fé, é uma criatura engajada na luta pelo equacionamento e/ou solução de problemas contemporâneos — que são problemas da fé. É compreensível, portanto, que desapareça qualquer menção explícita a “fatos salvíficos” (em vez de “foi crucificado”, encontramos “ele se arruinou”). Da mesma forma foram rejeitadas as diversas interpretações tradicionais (caráter sacrificial, vicário e/ou gracioso da morte de Jesus).

Por outro lado, aquilo que ninguém consegue sozinho, torna-se viável com a união de todos (os povos): a comunidade universal, a paz justa (e não apenas maquilada), a vida dotada de sentido. Como é possível a realização dessa empreitada? Pelo Cristo que vive (“ressurge”) em nós, capacitando-nos a continuar sua revolução, que tem um objetivo bem claro: a cidade de Deus, imanente, para todos os homens, a terra em que é possível uma paz justa e uma vida que tenha sentido. Com muita razão, D. Solle relembra que o reino de Cristo não se situa “nos céus” — e que seria irresponsável rejeitar este mundo de Deus, em prol de uma noção vaga de transcendência.

Um Credo sempre novo?

Nenhum dos exemplos e modelos apresentados “resolve” a problemática inerente a qualquer confissão de fé. Mas todos eles evidenciam a necessidade

da procura, a validade da tentativa e a urgência da experiência. A fé, além de ser questão pessoal, é também tarefa comunitária, envolve a história de um grupo e não pode prescindir de contemporaneidade. A fé nunca é “a mesma” e nunca é “de ontem”. Veja-se a insistência no hoje, no livro do Deuteronômio (5.3 ou 26.16-19) ou na Epístola aos Hebreus.

Sob esse ponto de vista, os diversos modelos de credos atuais cumprem função pedagógica. Resta saber, se a necessária universalidade já foi alcançada. Inquirir a respeito dessa ecumenicidade não é exagero, já que toda confissão de fé responde, também, aos desafios de um tempo, de uma época, de geração. E os problemas e desafios de nosso tempo têm dimensão planetária.

A questão da universalidade talvez se torne mais clara, na releitura dos textos selecionados, em perspectiva latino-americana. Conseguiremos identificar-nos com tais formulações? Ou refletem tais credos a preocupação de elementos, honestos sim, mas ainda oriundos de estruturas sociais “afluente?”

Por último, a pergunta que terá ocorrido a alguns: Onde ficou o modelo mais nosso, a profissão de fé gerada em nosso contexto?

Em matéria de textos já elaborados e em uso, dispomos de pouca informação. Para a última Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, no entanto, foi sugerido um texto do Credo

Social da Igreja Metodista do Brasil. Ainda é impossível saber onde foi liturgicamente aproveitado e desconhecem-se reações e comentários. A título de comparação e complementação vai reproduzido aqui:

**Cremos em Deus, Criador
de todas as coisas
e Pai de toda família humana,
fonte de todo o amor,
justiça e paz.**

**Cremos em Jesus Cristo,
Deus que se fez homem
como cada um de nós,
amigo e redentor dos pecadores,
Senhor e servo de todos
os homens.**

**Cremos no Espírito Santo,
Deus defensor,
que conduz os homens
livremente à verdade.**

**Cremos que a comunidade
cristã universal
é serva do Senhor;
que a unidade cristã é dádiva
do sacrifício
do Cordeiro de Deus
e que viver divididos é negar
o Evangelho.**

**Cremos que o culto verdadeiro,
que Deus aceita dos homens,
é aquele que inclui
a manifestação de uma
vivência de amor,
na prática da justiça e no
caminho da humildade
junto com o Senhor. Amém.**

Constata-se logo que o texto é universal, em sua linguagem, no sentido de que poderia ter sido formulado em qualquer parte do mundo onde haja cristãos preocupados com a dimensão ecumênica da fé e com questões de justiça, liberdade e paz. É evidente a ausência de vários tópicos fundamentais da fé cristã assim como não transparece a preocupação pelos desafios próprios do tempo brasileiro.

No entanto, é possível que justamente indique, com muita clareza, o âmbito e a dimensão de nosso testemunho. A ausência das palavras é indicadora, por vezes, da ocorrência de uma profissão de fé que fala mais alto. E que se chama martírio.

uma

O artista e o teólogo: introdução

UM dos maiores desenvolvimentos no pensamento contemporâneo, durante os últimos anos, tem sido o conhecimento cada vez maior de uma aparente falsidade ou uma falta de autenticidade do homem moderno. Mais e mais se nota que o homem não se conhece em termos de uma relação com um Ser supremo. Ao contrário, se vê a si próprio como peça de uma massa que cumpre determinadas funções na sociedade. Os homens se estão convertendo, ou já se converteram em nada mais que corpos anônimos. Os seus objetivos são estabelecidos não por suas próprias consciências mas por grupos sociais em que têm determinadas as suas funções. No lugar de um papel pessoal que é determinado para ser algo, há um ser condicionado quase que exclusivamente por sua função. Há quarenta anos observou Karl Jaspers tal fenômeno como "uma ética convencional de associação... (constituída de) sorrisos de cortesia, uma atitude tranqüila, o evitar a pressa e os emburrões, a adoção de uma atitude humorística em situações de tensão, o espírito de ajuda, a menos que o custo seja muito alto, o sentido de que 'as observações pessoais' são de mau gosto, a autodisciplina para promover a ordem e as relações fáceis quando se reúne um grande número de pessoas." (1) Jaspers designa como "um idio-

ma universal" a este estilo em que os habitantes anônimos do nosso mundo urbano contemporâneo passam pelos rituais de seu entrelaçamento.

A teologia cristã como estudo do conteúdo da nossa fé cristã, procura sair ao encontro desta situação humana, mostrando a solução de tal anonimato sem sentido. Durante séculos as doutrinas fundamentais — a doutrina da criação e a doutrina da encarnação — se dirigiram ao que nós, como cristãos, cremos ser a realidade última, e ao mesmo tempo, como essa realidade se relaciona conosco como seres humanos. Em diferentes épocas temos visto estas doutrinas refletidas na lei moral, nas tra-

Os homens se estão convertendo em corpos anônimos. Os seus objetivos são estabelecidos por grupos sociais nos quais funcionam. Seres condicionados quase que exclusivamente por suas funções. A teologia cristã procura sair ao encontro de tal situação, tentando solucioná-la.

dições do ensino, e em diversas formas de subjetivismo religioso.

Agora, porém, em nosso tempo, muitos teólogos sentem que chegamos a uma nova etapa na preocupação da teologia. Durante 2500 anos empregamos formas e estruturas de idioma e pensamento que resultaram da revolução greco-hebréia. Essa revolução libertava o homem da natureza e do mito pré-histórico, permitindo-lhe dividir as experiências de vida entre diferentes partes e organizar essas partes como estruturas inteligíveis e sistemas de pensamento.

Como parte desta organização, usualmente se compreende o EU basicamente como um intelecto racional que habita um sistema neuromuscular. Por causa de uma necessidade vulgar, o EU atua em seu meio ambiente e se comunica com o que o cerca através desses sistemas de músculos e nervos.

Não obstante, devido aos descobrimentos das ciências do comportamento nas últimas décadas, pode-se dizer agora que o intelecto não funciona necessariamente em tão grande isolamento, descendo à experiência concreta somente pela força. Ao contrário, o intelecto funciona de maneira dialética, respondendo sempre a estímulos que lhe são levados pelo sistema

Ao contrário da tradição greco-hebréia, as modernas ciências do comportamento revelam que o intelecto funciona de maneira dialética, respondendo a estímulos. Pensar é um ato de corpo inteiro e não de certas partes.

neurológico. De acordo com o estado atual da investigação e do estudo, pode-se dizer que a percepção, ou a concepção de uma idéia, deve ser "...identificada com o sistema neurológico, o qual funciona como uma série de sistemas coordenados e cooperantes." (2) Por essa razão, "pensar não é uma atividade da 'mente' separada de um 'corpo'. Pensar é um ato do corpo inteiro. Por isso, 'sentido' e 'verdade' não são apenas funções de afirmação. São funções da atividade corporal como um todo." (3)

A esta altura, penso, está a possibilidade de que o artista e o teólogo possam falar um com o outro. Falou-se anteriormente do homem contemporâneo cuja vida se caracteriza pela conformidade e adaptação. Tal homem tem pouca compreensão do estilo de vida exigido pela fé bíblica. Uma vida controlada pelos ideais de adaptação e de conformismo resiste às noções de "ser escolhida e estar para o mundo como testemunha não vacilante sobre o que a fé bíblica tem considerado como a verdade". (4) Provalmente acharíamos que o homem do conformismo e do adaptar-se simplesmente não possui os recursos de imaginação para compreender aquilo de que fala a Bíblia. É muito possível que "...o problema básico da nossa situação religiosa atual possa ser um problema de renovar e de voltar a fortalecer essa ordem profunda e interior da sensibilidade e da sensibilidade humana". (5)

"A doutrina da criação implica que Deus é o soberano tanto sobre o espiritual como sobre o material, e é inevitável que o artista tenha o que ver com as

coisas de Deus enquanto observa e interpreta essa criação. Esta doutrina, como surge do Antigo Testamento, também implica que o poder e a majestade de Deus podem ser vistos em sua imposição da ordem no caos, e isto é função tanto do Criador como do artista criativo. O artista tem que lutar com as matérias da criação, seja pintura e tela, pedra, idioma, ou sons, embora tenha, não há dúvida, que respeitar essa matéria.

A doutrina da encarnação fala do amor de Deus, relacionando-o com o esforço pessoal do homem. Por isso, quando se explora e se retrata esta ação de Deus, a palavra de Deus — Jesus Cristo — é descoberta. Tudo é de Cristo, nele habita toda a plenitude da ordem criada, e por isso, a totalidade da vida é sagrada. As artes enriquecem esta vida uma vez que manifestam tanto a ordem como a desordem que estão presentes no mundo.”(6)

O propósito da arte não é reproduzir o que se pode ver. Muito mais, procura tornar visíveis certos aspectos da vida ao aclarar as experiências do homem. Em certo sentido o artista tem um papel sacerdotal em relação com a cultura e a sociedade em geral. Tenta comunicar, com a sua arte, a realidade da vida que experimentou; assinala as glórias da realidade da existência diária. As criações de um artista sempre representam o exemplo distintivo de sua época e assim transmitem uma expressão simbólica aos valores dominantes de uma cultura. Muitas vezes, sem dúvida, ao refletir os valores dominantes de uma cultura, o artista assume um papel profético. Faz-nos lembrar que cada ser humano é um enigma e que os valores de uma sociedade às vezes não permitem a expressão de individualidades; quer dizer, a sociedade não sente como algo sagrado a vida humana. O ar-

tista, como o sacerdote, “se é muito profundo, inevitavelmente torna-se um profeta. Não pode celebrar as glórias de uma sociedade sem expressar as suas vazias reclamações e as suas falsas santidades. A medida que torna visíveis os aspectos ocultos da experiência, destrói as representações ilusórias”.(7)

O que distingue um artista de um teólogo ou filósofo é a forma que assume seu trabalho criativo. O artista nunca fala em termos de proposições e medidas; não trabalha com jogos de percepções verbalizadas. Antes põe, organiza a vida que experimentou, mediante criações de imagens e sons. Como já se mencionou, é impossível experimentar a vida sem usar as percepções sensoriais relacionadas com o sistema neuromuscular. O artista envolve as suas percepções sensoriais numa outra etapa, a da expressão.

“A sensibilidade (é que na realidade) define a atividade essencial de um artista: a sua atividade principal se desenvolve no mundo das sensações.”(8) Não se considera aqui a sensibilidade em termos hedonísticos ou boêmios. (Sem dúvida não se deve negar o valor que um estilo de vida “hippie” pode demonstrar, desde que muitas vezes tal estilo de vida nos mostra a falta de sensibilidade humana na maior parte da nossa exis-

tência, tanto no nível da vida pessoal, como no nível das estruturas sociais). "A sensação", porém, se refere a como respondemos ao mundo, ou, pelo menos, à parte do mundo que experimentamos.

A ordem que um artista impõe na sua experiência com a realidade, depende completamente de sua própria sensibilidade. O artista toma aquelas materias que são comuns a todos nós — sons, cores, formas — e as usa de tal maneira que o mundo em que vivemos se torna mais claro e perceptível — como se comporta o mundo, os estilos de vida humana que são evidentes. O arquiteto projeta estruturas que aumentam ou diminuem os valores humanos. O escritor cria drama, poesia, ou literatura que descreve o dilema humano. Na música os sons são organizados em estilos e formas que, em sua maior parte, surgem das emoções e das idéias que dominam uma época. O cinema, a forma de arte peculiar ao século XX, provavelmente pode representar, melhor do que qualquer outra forma de arte, os esforços intelectuais e emocionais que nós cercam. A criação artística expressa a sensibilidade de seu criador: a capacidade do artista para experimentar o mundo que o rodeia, e sua capacidade para transferir essa experiência a seu próprio meio artístico.

Mencionamos antes a verdade básica da Encarnação, a verdade

de como Deus se relaciona com o homem através da pessoa histórica de Jesus Cristo. Quer dizer, "a natureza e o significado da Encarnação determina a relação de uma pessoa com a ordem criada".⁽⁹⁾ Conseqüentemente, ao afirmar a fé cristã, um crente afirma a sua participação numa resposta definida à situação humana. Porém, para que essa resposta seja autêntica, tem que haver sensibilidade para com a situação humana que estimule a imaginação quanto às formas e aos estilos de vida que tal resposta a uma determinada situação humana adote.

Se a tarefa da teologia hoje, pelo menos em parte, é renovar e revitalizar a sensibilidade humana — isto é, redescobrir a capacidade para imaginar — é inevitável o diálogo entre os teólogos e os artistas. Não se pode admitir outra alternativa do que aquela em que o diálogo seja frutífero. (Tradução).

NOTAS

- (1) Karl Jaspers, "Man in the Modern Age" (Garden City, N.Y.: Doubleday Anchor Books, 1957), p. 49.
- (2) John F. Dixon, Jr., "The Consequences of Art for Theological Method", *The Journal of Religion*, XLIX, 2 (April 1969), p. 164.
- (3) *Ibid.*, p. 165.
- (4) Nathan A. Scott, Jr., "Art and the Renewal of Human Sensibility in Mass Society", *Christian Faith and the Contemporary Arts*, p. 24.
- (5) *Ibid.*, p. 25.
- (6) Donald Whittle, *Christianity and the Arts* (Philadelphia: Fortress Press, 1967), pp. 2-3.
- (7) Roger Shinn, "The Artist as Prophet-Priest of Culture", *Christian Faith and Contemporary Arts*, pp. 76-77.
- (8) Dixon, "The Sensibility of the Church and the Sensibility of the Artist", *Christian Faith and the Contemporary Arts*, p. 81.
- (9) *Ibid.*, p. 82.

Roberto E. Fogal — "El artista y el Teólogo: Una Introducción, Cuadernos de Teología, vol. 1, n.º 4 (março, 1972), pp. 5-10.



documento

PRINCIPAIS PROBLEMAS E PERSPECTIVAS DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Leonidas E. Proano

(Bispo de Riobamba, Equador)

P RINCIPAIS problemas da igreja na América Latina!... O tema assim apresentado poderia significar duas coisas: ou os principais problemas que, **de fato, tem** a Igreja na América Latina; ou os principais problemas que a igreja **deveria** enfrentar na América Latina.

A Igreja na América Latina anda preocupada com reformas litúrgicas, quer dizer, com encontrar a maneira mais eficaz de atualizar a invasão cultural iniciada há séculos, e de fazer aceitar pelo povo a novidade da missa em vernáculo, celebrada de frente para o povo, difundida através de magníficos aparelhos de alto-falantes. E discute se deve ou não distribuir a comunhão sob as duas espécies ou se deve ou não permitir a comunhão nas mãos...

Ou anda preocupada pela re-

novação da metodologia catequística e pela modernização do material pedagógico para que os meninos aprendam mais facilmente o que se lhes ensina na aula de religião do colégio ou nos centros paroquiais de catecismo. Preocupa-se em como conseguir os fundos necessários para que religiosos, sacerdotes, religiosas possam participar de cursos de renovação metodológica e possam adquirir material moderno de projeção e diapositivos e estar em dia com a utilização do moderno sistema chamado "linguagem total".

Está muito preocupada com a situação dos seminários, cada ano mais vazios; com os noviçados que se fecham por falta de candidatos; com grupos de "sacerdotes rebeldes" que se dedicaram ora a descobrir rugas e feiúras na face da Igreja, ora

a comprometer-se com ações libertadoras. E considera o problema de como efetuar campanhas de despertamento de vocações; como combinar as velhas estruturas dos seminários com a necessidade ultimamente sentida de uma formação comunitária e incarnada nas realidades do mundo; sobre o que fazer com esses "sacerdotes rebeldes"... Não seria melhor que abandonassem o seu ministério?

Não é que a Igreja não se deva preocupar com a renovação litúrgica, com a renovação dos métodos catequéticos, com a crise de vocações, com os seminários e com o clero. Não. Tem que se preocupar com tudo isso. Mas parece que a Igreja tem que pensar mais em enfrentar os problemas dos homens que vivem no continente latinoamericano. E isto por duas razões:

Primeira, porque a Igreja existe para a salvação do mundo;

Segunda, porque a Igreja somente poderá solucionar os problemas de sua casa à medida em que se comprometa com os problemas do mundo.

A Igreja foi fundada para ser sinal de salvação no mundo. Não possui fim em si mesma. Por conseguinte a Igreja que existe na América Latina, por força de sua missão, tem que preocupar-se com os grandes problemas do mundo latinoamericano, para poder ser o sacramento de Cristo Salvador no meio deste mundo concreto. E, se ela se esforça para o ser, em decorrência os problemas internos desaparecerão, pois os problemas internos nascem quando se continua fazendo algo que não tem sentido e mantendo estruturas que se desgastaram.

Não nos perguntemos então quais são os problemas da Igreja na América Latina, mas

quais são os problemas da América Latina, porque são esses que a Igreja deve tornar seus.

Problemas da América Latina

O Continente latinoamericano é imenso, mais do que muitos pensam. Aninha os contrastes mais variados: planícies intermináveis e picos altíssimos; selvas imensas e exuberantes, e regiões desertas e secas; clima tropical e clima primaveril ou, noutras áreas, as quatro estações.

Todas estas realidades são causa de problemas: os povos latinoamericanos, apesar do avanço dos meios de comunicação e transporte, não se conhecem o bastante, por causa das montanhas que se levantam como barreiras. Apesar de terem quase todos a mesma língua, a mesma religião, a mesma cultura, há diferenças que individualizam e separam umas nações de outras. A variabilidade da natureza influi notadamente na variabilidade do caráter latinoamericano, ora pacífico, ora explosivo.

As riquezas naturais de uns países provocam a inveja de outros e trazem, como consequência, rivalidades e eventualmente guerras fratricidas, mas também atraem a ambição de países que são potências econômicas do mundo.

Os homens da América Latina se dividem em duas classes bem definidas: uma europeizada, outra mais autóctone. O povo europeizado é o que vive em melhores condições. O autóctone padece de um sem-número de servidões.

De igual modo há o fenômeno da urbanização acelerada e o contraste com camponeses dispersos por vales e montanhas.

Cidades que na época da independência tinham 30.000 habitantes, depois de 150 anos têm 5, 6 e 7 milhões. Todavia é nas cidades que se esgota o orçamento nacional. Em contraste, os habitantes do campo permanecem marginalizados de toda atenção, esquecidos tanto dos poderes civis como das preocupações da Igreja, submersas na pobreza, na ignorância, no isolamento.

No princípio do século havia na América Latina cerca de 50.000.000 de habitantes. Hoje somos 280.000.000. Daqui a 29 anos, seremos mais de 60.000.000. Como equilibrar esta rapidez de crescimento demográfico com a criação de frentes de trabalho, de escolas e colégios, de condições sanitárias, de moradia, de serviços pastorais?

Aprofundando a visão, nota-se que existe uma situação de dependência e de domínio que agrava a condição de miséria e de subdesenvolvimento de grandes maiorias. A classe dominante dá sinais de continuar dominando e de manter, a todo preço, dependente, a classe dominada; a repressão cruel e violenta é a manifestação clara de que as classes dominadoras não querem que os homens, manobrados até agora, se tornem pessoas, não querem que a massa se converta em povo.

A América Latina é um continente de jovens. No ano de 1950 éramos 100.000.000 de habitantes. Em 1971, somos 280.000.000. Isto quer dizer que 180.000.000 de latinoamericanos têm menos de 21 anos. Pois bem, a juventude latinoamericana está inconformada com a situação de dependência e de injustiça imperante na América Latina. A isto se deve a crescente eferescência revolucionária que se nota hoje em todas as partes.

Por outro lado, não estão a serviço do sistema dominante a política, os meios de comunicação social, a propaganda, as escolas, os colégios, as universidades? Cada coisa constitui problema.

Em geral os homens latino-americanos são muito religiosos, mas não podemos dizer que todos sejam cristãos. A secularização e o pluralismo avançam rapidamente à medida que se amplia a industrialização, a técnica, os meios de comunicação. Apesar de tudo, uma boa parte dos latinoamericanos continua vivendo um catolicismo, popular, praticando ritos de formas católicas, mas muitas vezes com motivações naturais e pagãs.

Problemas-causa

Parece conveniente descobrir, entre tantos problemas, quais são os causadores. Talvez se possam apontar três:

— **A explosão demográfica** — É evidente que o crescimento demográfico gera uma enormidade de problemas: escassez de recursos, falta de trabalho, de moradia, de alimentação, de escolas. A pobreza é cada vez maior. A urbanização tem a sua origem na explosão demográfica. O abandono dado aos camponeses é uma consequência. O controle da natalidade é um problema complexo.

— **Situação de domínio e dependência** — Nasce daqui a atitude repressiva por parte dos poderosos e a proliferação de movimentos jovens politizados e revolucionários. Surge uma teologia de libertação e um novo conceito de desenvolvimento oposto ao de desenvolvimentismo. Acusa-se a Igreja Católica e as igrejas protestantes de favorecerem a religiosidade popular e de estarem aliadas com o capitalismo.

— **Cisma psicológico** — Chama-se conflito de gerações, quando o cisma se dá entre pais e filhos, entre professores e alunos, entre adultos e jovens. Chama-se rebeldia dos padres, quando o rompimento se dá entre os sacerdotes do "Terceiro Mundo" (Argentina), ONIS (Peru), Golconda (Colômbia), Reflexão (Equador) e seus bispos, ou entre a sociedade e seus sistemas. Chama-se crise, quando acontece no seio de comunidades religiosas, nos seminários, nos noviçados, nos colégios mantidos pela Igreja.

Perspectivas

Quais são as perspectivas para a Igreja na América Latina? Depende muito da orientação e do trabalho nestes próximos dez anos. A década de 70 a 80 tem importância transcendental. Se os atuais agentes da pastoral nos comprometermos a fundo com os grandes problemas latinoamericanos, a igreja poderá começar a viver uma nova vida e chegar a ser de fato o sinal de salvação desejado por Jesus Cristo para as multidões de pobres e de desprotegidos. Se, por mal entendida prudência, bispos, superiores, sacerdotes, religiosos e leigos deixarmos passar o impulso do Espírito, o futuro da igreja será incerto.

O cristão, homem de fé, é chamado a mover-se no âmbito dessa mesma fé e debaixo da inspiração do Espírito Santo. Não se deve esquecer de que Cristo é profeta e de que o povo crente, pelo fato de haver aderido a Ele, pela fé, é chamado a participar da missão profética de Cristo; para que este mesmo povo chegue a ser um povo profético, tem necessidade de que alguns de seus membros recebam o carisma da profecia.

Há profetas no seio da Igreja Latinoamericana. Mas talvez sejam muito poucos. Há pois, imperiosa necessidade de profetas, daqueles homens que levantam a sua voz para condenar as injustiças, para apontar com o dedo as fraquezas da própria Igreja, para romper com velhas e seculares estruturas e anunciar o nascimento de estruturas mais novas.

O que foi dito vale com relação às perspectivas para a Igreja na América Latina e vale também para a busca de resposta aos problemas-causa acima mencionados.

A família se encontra muito mal constituída em extensas regiões da América Latina. Por outro lado, a família tem sido muito largada sob o ponto de vista pastoral. Uma das explicações da explosão demográfica está em que as uniões ilícitas são mais numerosas e os filhos que delas nascem não recebem educação satisfatória, antes são envolvidos numa corrente de mau exemplo.

A pastoral familiar é indispensável neste continente. Somente assim se poderá ir falando de paternidade responsável e de controle da natalidade. Esta pastoral deve começar pela educação dos adolescentes do ponto de vista de suas relações com o outro sexo. Deve continuar o trabalho educativo com a juventude, quando já se toma a sério o noivado como preparação para o matrimônio. Deve continuar prestando uma cuidadosa atenção aos esposos para ajudá-los a descobrir uma vida de amor autêntico entre eles e sua missão transcendental como pais.

Para responder ao problema chamado "dominação e dependência", os cristãos estão falan-

do de evangelização libertadora. Que devemos entender por evangelização libertadora? Durante séculos temos vivido com a consciência de nossos pecados individuais. Tínhamos esquecido a dimensão do pecado social.

Alguns critérios governam a vida da sociedade. Por exemplo, aceita-se que certas raças são superiores a outras. Que o dinheiro é o valor supremo. Que a liberdade dá a cada um a faculdade de fazer o que lhe vem à cabeça. Que é permitido usar qualquer meio para dominar os demais. São critérios de pecado. Por serem critérios que governam a sociedade, são critérios de pecado social. Estes geram atitudes de soberba, de ambição, de desprezo, de traição, de engano. Como se vê, são atitudes de pecado. Critérios e atitudes de pecado produzem ações de pecado, umas circunstanciais, outras institucionalizadas. O pecado está organizado como uma grande empresa: tem seus altos senhores, tem seus filósofos, tem seus técnicos em propaganda, tem seus mestres, tem seus estímulos, sua estratégia, sua metodologia, seus mecanismos de dominação.

Cristo veio para redimir-nos do pecado. Neste sentido, falam os cristãos da América Latina de evangelização libertadora. Para um cristão de fato, Cristo é o único libertador do estado de pecado. É aqui que estão as raízes de uma teologia de libertação elaborada por teólogos latinoamericanos. Deste espírito estão animados muitos jovens e padres que estão sofrendo ações repressivas executadas pelos detentores do poder...

A evangelização libertadora deve chegar à medula do homem latinoamericano, deve dividir, como uma espada de dois

gumes, e separar os critérios e atitudes de pecado com critérios e atitudes do Evangelho, para que nasçam ações marcadas também pelo Evangelho. Assim as multidões latinoamericanas chegarão a ser um povo que irá de libertação em libertação até a libertação definitiva.

A Igreja Comunidade

Para combater o cisma psicológico, devemos trabalhar pela edificação de uma Igreja comunitária.

Do seio da Igreja vão nascendo experiências comunitárias de profunda base cristã. No processo de formação destas comunidades, necessariamente entra Cristo como a pedra fundamental ao redor da qual começa a construção de cada igreja concreta. Para que as relações humanas e cristãs possam ser profundas, de intercomunicação viável com Cristo, esses grupos comunitários são, limitados em número: 10, 15, 20, 30 pessoas. Unidos a Cristo por uma fé viva, iluminados pelo Evangelho, movidos pelo Espírito de amor, transformam-se, como disse Medellín, em focos de evangelização e em agenciadores de promoção humana. Assim experimentam que Cristo é verdadeiramente o libertador e então as comunidades cristãs celebram o acontecimento salvífico com uma liturgia que permanece distante do velho ritualismo.

A autenticidade destas comunidades frequentemente fica a descoberto com a marca dos sinais descritos por Cristo; são sinais de contradição, são objeto de perseguição e de ódio, são sinais de amor e de união, estão animadas de um grande espírito missionário.

indicações

A IMORTALIDADE DA ALMA OU A RES-SURREIÇÃO DOS CORPOS

(Oscar Cullman. Editorial Studium - B. Aires)

Oscar Cullman é conhecido como um dos grandes exegetas cristãos dos últimos anos. Este livro é resultado de uma conferência e, no princípio, levantou sérias dúvidas que hoje estão em grande parte dissipadas quando há grande interesse sobre o verdadeiro sentido da ressurreição e da imortalidade.

Quando um cristão, protestante ou católico romano, intelectual ou não faz esta pergunta: Que ensina o Novo Testamento sobre a sorte individual de cada um depois da morte? Com muito raras exceções, a resposta será a imortalidade da alma. Esta opinião é um dos maiores erros do cristianismo.

Toda concepção de morte e ressurreição deve enraizar-se na História da Salvação. Esta é certamente incompatível com a mentalidade grega sobre a imortalidade da alma.

Os primeiros discípulos tiveram, a partir da Páscoa a convicção inquebrantável de que com a ressurreição corporal de Cristo a morte perdeu todo seu aspecto atarrador e que, desde aquele momento, o Espírito Santo fez nascer a vida com a ressurreição

para aquele que crê. Temos que sublinhar a idéia "a partir da Páscoa", e com isto fica à vista o abismo entre o pensamento grego e o cristão.

Toda a Teologia Cristã está dirigida pelo significado da História da Salvação. Tudo o que se afirma sobre a morte e a vida está fundamentado num fato e numa fé real. A fé que tinha a comunidade primitiva. No Novo Testamento morte e vida estão ligadas à História de Cristo. Para os primeiros cristãos a alma não é imortal em si, somente o é através da ressurreição de Cristo, "o primogênito dentre os mortos" e pela fé nele. A ressurreição da alma não é algo completo em si. Aguarda a ressurreição do corpo para a sua total e real glorificação. O cristianismo não se helenizou. Tomou valores helênicos incorporados à história salvífica. Estes e outros conceitos são temas fartos na obra do Dr. Cullman, que é uma excelente contribuição à pesquisa relacionada com este assunto. A obra tem grande valor e, clareza de exposição, e convida a refletir e a saber distinguir valores céticos de posições filosóficas. (Rodrigo Castro)

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO (Jorge Bertolaso Stella. Imprensa Metodista)

"O passado está no presente como o presente está no futuro". Assim começa o eminente Pastor J. Bertolaso Stella em seu prefácio a "Os Manuscritos do Mar Morto." Lamentáveis são os que pretendam desligar-se do passado. Não somente perdem os liames de suas raízes e ficam inseguros e instáveis quanto a seu próprio rumo, como se enfraquecem, desligados da seiva que do solo lhes vinha. Desarraigados, tentarão — parasitas de um presente sem amanhã —

retirá-la, a seiva fundamental, de galhos e alturas já então fora do alcance.

Toda cultura tem sua história e aquela nada é sem esta. Os estudos bíblicos têm como ponto de partida a Arqueologia Bíblica, apaixonante que é, e, como ponto de chegada o Ômega. Por isso os manuscritos de que trata o autor apaixonaram eminentes homens de ciência, paleontólogos, etnólogos, teólogos, historiadores.

Jorge Bertolaso, até os 12 anos praticamente analfabeto, supera-se a si próprio, e, autodidata, domina os estudos da glotologia, lingüística, arqueologia, paleontologia, chegando a membro fundador da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo, e membro da Sociedade de Lingüística de Paris, para, depois de outras obras (11 ao todo) nesses campos, dar-nos este seu "Os Manuscritos do Mar Morto".

O livro é uma introdução aos manuscritos, uma exposição deles, e, de modo sintético, um levantamento da crítica mundial às descobertas. Conclui com observações raras do próprio autor.

Vale destacar, entre outros capítulos de especial interesse, os que tratam das relações entre os essênios e várias personalidades do Novo Testamento. "Comparação entre a Pessoa de Cristo e o Doutor de Justiça" é notável. Ainda "A Comunidade do Qumrân e a Igreja".

Frente à seita dos essênios, em tópicos ligeiros mas objetivos estão Paulo, João e o próprio Jesus.

Que foi que Jesus trouxe de seu convívio com os essênios? O que dos essênios impregna o Novo Testamento? São perguntas às quais o autor dá resposta, e que enriquece com observações pessoais.

Indispensável aos estudiosos da Bíblia Sagrada, o "Os Manuscritos do Mar Morto" é livro que se digere com facilidade. Só é lamentável o trabalho gráfico bisonho dispensado pela editora à obra (80 páginas). Deficiências gráficas e de revisão que poderiam ter sido evitadas. No entanto, se não podemos parabenizar a Imprensa Metodista pelo trabalho gráfico que bem poderia ser melhor, contudo o podemos pelo oportuno lançamento do significativo trabalho de Bertolaso Stella. (C.A.C.)

LIBERDADE E FÉ

Título dos capítulos :

Deus Morreu — Viva Deus!

● Rubem A. Alves

Indicações Para Uma Hermenêutica do Evangelho

● Jürgen Moltmann

Notas Para Uma Ética de Libertação

● Júlio de Santa Ana

A Tolerância Cristã Numa Sociedade Pluralista

● Hubert Lepargneur

Sacerdócio, Serviço da Liberdade

● Gilberto Gorgulho

UM NOVO LANÇAMENTO DA
TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

